

forças do mercado

richard morgan

Tradução de Ana Mendes Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

P R E F Á C I O

Em 1688, na cidade de Amesterdão, um homem chamado José Penso de la Vega Passarinho, filho de judeus portugueses e espanhóis, escreveu um livro chamado *Confusão de Confusões*. Segundo os historiadores do pensamento económico, trata-se do primeiro livro sobre a especulação em bolsa.

Num diálogo à moda platónica que conta como personagens um mercador, um filósofo e um accionista, José de la Vega explora o modo de viver, pensar, sentir e negociar dos especuladores em bolsa, que ele conhecia bem e de que fazia parte. O único aspecto constante neles é a vontade de lucro; no resto, tudo é inconstância. O mercador pode estabelecer uma estratégia de negócio mais ou menos estável baseada na transacção de objetos, produtos e serviços desejados pelas pessoas. O especulador vive num anseio sobre o que fez ou não fez e deveria ter feito; o seu estado de alma é o de dúvida permanente sobre a validade da sua própria estratégia. Se comprou, pensa que deveria ter vendido. Se vendeu, pensa que deveria ter mantido. Se os preços sobem, pensa que não podem descer. Se descem, pensa que já bateram no fundo e rapidamente voltarão a subir. Não é por acaso que o especulador se tornou, a tempo, uma personagem romanesca fascinante: a sua vida interior é, por natureza, um drama. Por outro lado, a forma como ele (normalmente, um ele; mas também por vezes uma ela) é dominado pelas suas pulsões rapidamente o põe em rota de choque com os interesses, os direitos e até a dignidade dos que o rodeiam.

Entre os leitores pode haver uma certa repulsa pelos especuladores e os seus motivos. E daí? Nada como um protagonista que nos choca para despertar o nosso interesse. E, já agora, o interesse é daquelas categorias que parecem romancescas (“a única obrigação de um romance é ser interessante”, escreveu Henry James no século XIX) mas que na verdade apareceram como financeiras: até ao século XVIII, “interessante” ainda surge com o significado de “lucrativo”. A palavra é uma derivada de “juro”, que noutras línguas europeias (que não a portuguesa) se diz quase sempre “interesse”: *interest* em inglês, *interés* em espanhol, *interêt* em francês e *interesse* em italiano, a língua original da banca na época do renascimento.

O interessante era lucrativo então; hoje, o lucrativo é interessante. Mas as transações entre literatura e dinheiro não ficaram por aqui, e o livro que o leitor tem entre mãos é um exemplo disso. *Forças do Mercado* é, por assim dizer, uma especulação sobre especuladores.

“Ficção especulativa” ou “literatura especulativa” é uma categoria narrativa que cobre gêneros literários cujos elementos centrais são essencialmente imaginários. Incluem-se neles a literatura de ficção científica, naturalmente, mas também a fantasia, o horror, as utopias e as distopias, as histórias alternativas e as obras dedicadas a futuros apocalípticos ou pós-apocalípticos. Os editores e agentes literários anglo-saxónicos costumam distinguir a “literatura de género”, geralmente considerada mais superficial e popular, se não mesmo repetitiva e formulaica, da “ficção literária”, mais densa, autoral e personalizada. Pessoalmente, não acho essa distinção útil nem, em particular no caso da ficção especulativa, rigorosa. Um dos elementos da ficção especulativa — qualquer ela, seja mais industrial ou artesanal — consiste em contar uma história cujos elementos já são conhecidos dos leitores, mas em que um dos pilares da narrativa é radicalmente diferente da história que já conhecemos. *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, é nesse sentido uma obra de ficção especulativa: o que acontece numa sociedade em que tudo é igual ao comum e normal, exceto que toda a gente (menos uma pessoa) fica cega? O mesmo podemos dizer de *A Peste* de Camus (o que acontece quando uma epidemia toma conta de uma cidade da Argélia francesa — “acontecimentos curiosos, fora do seu lugar, saindo um pouco do ordinário”, como nota a epígrafe do livro); ou *A Guerra das Salamandras* de Karel Čapek (o que acontece quando uma espécie inteligente de salamandras se interpõe na cena política mundial de entre-guerras?). O mesmo se pode dizer de obras mais recentes e muito diferentes entre si, de *Soumission* de Michel Houellebecq (o que acontece quando um muçulmano é eleito presidente de França?) a *Super Sad True Love Story*, de Gary Shteynger (o que acontece quando ninguém se preocupa com a privacidade, todos transmitem a sua vida para todos, e os livros quase desapareceram?).

Como vemos, a ficção especulativa permite-nos explorar mundos possíveis, não necessariamente por razões “científicas”, mas pela inserção metafórica de elementos novos ou pelo extremar de elementos que conhecemos.

Em *Forças do Mercado*, terceiro romance do britânico Richard Morgan, o elemento especulativo pode resumir-se assim: o que acontece num mundo futuro, situado daqui a cinquenta anos, em que os agentes dos mercados financeiros são como gladiadores futuristas, autênticas celebridades que se eliminam fisicamente através de combates com o objetivo de conseguir contratos, fechar negócios, obter contas ou ser promovidos dentro das suas empresas rivais?

Nascido primeiro como conto que foi depois transformado em argumento cinematográfico antes de se metamorfosear em romance (que, agora sim, e após ter visto os seus direitos de adaptação comprados, deverá ser em breve adaptado ao cinema), *Forças do Mercado* leva ao extremo a tendência para a competição e aniquilação já presente em grande parte das interações entre especuladores e — na camada especulativa — junta-lhe um elemento literal de força bruta e cultura da violência. Esta especulação sobre os especuladores permite a Richard Morgan descrever-nos uma sociedade de capitalismo financeiro que voltou a aproximar a humanidade do sistema feudal. Castas de gente com muitíssimo, bastante ou nenhum dinheiro cumprem funções muito diferentes na sociedade, tendo ou não dignidade, ou até direito ao nome, dependendo da casta em que se encontram. O sistema é movido pelas mesmas grandes linhas de forças que já conhecemos: o endividamento, o consumo, o espectáculo. Os seus actores centrais são os especuladores e negociantes, que parecem uma espécie de ordem militar como as religiosas da idade, só que ligadas ao dinheiro: são ao mesmo tempo matadores, negociantes, condestáveis e estrelas.

Regresso aqui à *Confusão de Confusões* do nosso José Penso de la Vega Passarinho. No tempo dele, os negociantes arriscavam, dizia-se então, os seus cabedais — o que chamaríamos hoje de “capitais”. Mas num sentido muito próprio, em *Forças do Mercado* os negociantes arriscam mesmo o couro e o cabedal próprios; como se diz em inglês, têm *skin in the game*, a pele em jogo. Neste romance que dedicou “às vítimas do Grande Sonho Neoliberal” e da globalização financeira, Morgan tornou visível a “mão invisível” do mercado: é agora a mão que empunha a arma, a mão que guia o carro em duelos na estrada, a mão que oprime e assassina. Talvez, como em toda a ficção especulativa, não tão diferente assim da mão real.

O tema é suficientemente crucial para que nele concentremos a nossa atenção. A ideia especulativa central é suficientemente forte e intensa para que não queiramos perder o rumo. O ponto fraco, na minha opinião, está nas marcas que o livro transporta pela sua génese como argumento para filme. A cada um a sua quilometragem, mas quer-me parecer que os capítulos atafalhados de ação e a ação movida essencialmente por diálogos e por descrições de gestos e movimentos não fazem inteira justiça à complexidade densa do cruzamento entre instintos primordiais e capitalismo avançado.

O problema pode não ser, no entanto, inteiramente atribuível ao livro e ao seu autor. Os meios de comunicação metamorfosearam-se significativamente nos últimos anos, alterando na sua essência a experiência da leitura e da fruição de uma narrativa. Vivemos, por um lado, uma época de ouro da série televisiva.

Por outro lado, a internet e as redes sociais dão-nos a gratificação imediata da interação com os nossos semelhantes e inumeráveis pepitas de informação e entretenimento para nos irritar, divertir, indignar e comover. Estes processos, paradoxalmente, libertam o romance de ficção especulativa da obrigação de emular a dinâmica ação-diálogo-intriga típica nos formatos televisivos e cinematográficos. De certa forma, tenho pena que Richard Morgan se tenha conformado demasiado ao *ersatz* da série e do filme de ação e não tenha extravasado no estilo com a mesma pujança com que se investiu nas ideias especulativas de base.

Noutro aspecto, contudo, este livro pode ser considerado uma interessante (lá está a palavrinha) pista para o nosso futuro comum. Sem que isso seja o seu tema central, *Forças do Mercado* descreve o avolumar de tensões na intersecção entre globalização e internacionalismo que é, no fundo, a crista da onda que se está a formar hoje. Os seus especuladores-gladiadores trabalham no interior de empresas multinacionais que têm bastante mais poder do que muitos países. Elas depõem governos e impõem regimes. Mais uma vez, poder-se-á dizer que sem grande novidade. Particularmente pungente contudo é a presença de uma Organização das Nações Unidas esvaziada de poder que representa a ruína vestigial de uma tentativa de ordem mundial internacionalista completamente ultrapassada por uma globalização do consumo, da dívida e do espectáculo. Nesse sentido, este livro só não será profético se não o deixarmos.

E para isso, devemos começar por lê-lo — a especulação saudável de que todos saímos a ganhar.

Rui Tavares

A G R A D E C I M E N T O S

O livro *Forças do Mercado* teve uma evolução longa e variada, desde uma ideia perigosa, um conto, um argumento, até ao romance que o leitor tem agora na mão. Ao longo deste percurso, o livro (e o seu autor) incorreu numa quantidade de dívidas. Então, por ordem cronológica, tanto quanto me consigo recordar:

Obrigado a Simon Edkins pelo sarcasmo original que provocou o pensamento: “*elas pensam que vivem numa selva, não pensam?*”, e a Gavin Burgess por partilhar o seu conhecimento de algumas das técnicas empresariais mais ferozes que existem por aí. Obrigado a Sarah Lane por ver o potencial num conto por publicar, roído pelas traças, por me pressionar a construir um argumento baseado nele e por todo o entusiasmo infatigável e trabalho árduo que investiu neste projecto durante todo o seu percurso — os grandes produtores cinematográficos são feitos deste material, ou pelo menos deviam ser. Obrigado também a Alan Young pela fantástica inspiração anedótica ao longo dos anos e por ler a versão inicial com os olhos atentos de um consultor financeiro. Obrigado, como sempre, à minha agente, Caroline Whitaker e ao meu editor, Simon Spanton, pela excelência na acção de me obrigar a ter atenção aos detalhes. Obrigado a todos na equipa da Gollancz por fazerem daquele quinquagésimo andar um lugar excepcional para passar o tempo. E por último, e acima de tudo, obrigado à minha esposa recentemente adquirida, Virginia Cottinelli, pela sua paciência em partilhar comigo os conteúdos programáticos de um Mestrado em Desenvolvimento na Universidade de Glasgow, cuja obtenção já está a causar-lhe mais desgosto do que qualquer aluno que pague os seus estudos devia ser obrigado a suportar.

No final deste romance está anexa uma lista de livros que se revelaram bastante inspiradores durante a concepção de *Forças de Mercado*, caso o leitor esteja interessado. São demasiados para enumerar ou descrever, mas são também demasiado importantes para não serem sequer mencionados. Numa nota mais ligeira, *Forças de Mercado* também tem uma óbvia dívida de inspiração aos inovadores filmes *Mad Max* e *Rollerball*, que causaram um enorme impacto em mim numa idade em que legalmente não devia ter visto nenhum dos dois.

Eu sei — que os canibais usam elegantes fatos e gravatas
E sei — que lutam corpo a corpo no altar
E por isso digo — não deixem os vossos corações num lugar crítico

MIDNIGHT OIL — SOMETIMES

*Se (pergunto eu) os bancos comerciais, as entidades credoras,
o Banco, o Fundo Monetário Internacional, as Corporações
Transnacionais, os gerentes do dinheiro e as elites globais forem
felizes, quem somos nós para nos queixarmos?*

SUSAN GEORGE — THE LUGANO REPORT

PRÓLOGO

Na caixa.
O plástico preto brilhante passa pela máquina.
Nada.

A máquina apita com o habitual chilreio e o ecrã pisca, como se se sentisse insultado pelo alimento que lhe deram. A funcionária da caixa olha para a mulher que lhe entregou o cartão e oferece-lhe um sorriso um tanto exagerado. É o tipo de sorriso que tem tanto de emoção natural como os pacotes de sumo têm de frutas verdadeiras.

— Tem a certeza que quer usar este cartão?

Com os braços carregados de sacos de compras, a mulher pousa a criança de dois anos que apoiara contra o rebordo da caixa e olha para trás, onde o marido continua a tirar as últimas latas e pacotes coloridos do carrinho.

— Martin?

— Sim, o que foi? — pergunta com um tom de voz irritado devido à tarefa doméstica que estava a desempenhar.

— O cartão não...

— Não, o quê? — Ao cruzar o olhar com a mulher, percebe a sua aflição e olha para a funcionária da caixa. Quando fala, a sua voz está contraída. — Passe o cartão novamente, por favor. Deve ter sido um problema técnico.

A rapariga encolhe os ombros e passa o cartão pela segunda vez. O ecrã brilha com o mesmo desdém.

OPERAÇÃO ANULADA.

A funcionária retira o cartão e entrega-o à mulher. Em redor da acção espalha-se uma pequena bolha de silêncio que ultrapassa a passadeira e chega até ao rapaz que está na caixa seguinte e aos três clientes que estão em fila atrás de Martin. Em poucos segundos, aquela bolha acabaria por se dissolver numa onda de burburinhos.

— Quer experimentar pagar com outro cartão?

— Isto é ridículo — diz Martin bruscamente. — Essa conta tem dinheiro desde o primeiro dia do mês. Acabei de receber um pagamento.

— Posso passar o cartão uma terceira vez — oferece a funcionária com uma indiferença estudada.

— Não. — Os nós dos dedos da mulher já estão brancos devido à força com que segura o pequeno cartão de plástico preto. — Martin, tenta o Intex.

— Helen, mas há dinheiro nesta con...

— Há algum problema? — pergunta o homem que está atrás dele, enquanto bate significativamente com o seu próprio cartão na pilha de compras que tinha colocado tão perto da divisória do “Cliente Seguinte”, que estas estão em risco de se desmoronarem para o espaço de Martin.

Martin fecha a boca como se fosse uma ratoeira.

— Não há problema nenhum.

Entrega o cartão azul salpicado da Intex e fica a observar, pelo menos tão atentamente como o resto das pessoas que estão atrás dele, para ver o que acontece enquanto a funcionária da caixa o passa na máquina.

A máquina engole o cartão durante alguns instantes.

E a seguir cospe-o.

A funcionária devolve o cartão e abana a cabeça. A sua delicadeza suave e polida estava a começar a degradar-se.

— O cartão está bloqueado — diz com indiferença. — Já atingiu o limite.

— O quê?

— Atingiu o limite. Vou ter de lhe pedir que coloque as compras na extremidade de dentro do balcão e que abandone a loja.

— Passe o cartão novamente.

A funcionária suspira.

— Eu não tenho de passar o cartão novamente, meu senhor. Tenho toda a informação de que preciso à frente dos meus olhos. O seu cartão está invalidado.

— Martin — diz Helen, pressionando o corpo contra o do marido. — Deixa lá, voltamos quando este assunto se esclarecer...

— Não, caramba.

Martin sacode-a e debruça-se sobre o balcão, mesmo em frente ao rosto da funcionária da caixa.

— Há dinheiro nessa conta. Agora, passe o cartão novamente.

— É melhor fazer o que ela está a dizer — diz o introneto do cliente que está atrás dele.

Martin vira-se para ele, tenso.

— E o que tem você que ver com isto?

— Bem, eu estou à espera.

— Pois vai esperar mais um bocado, porra! — Exclama, estalando os dedos

mesmo em frente do rosto do homem, desvalorizando a sua situação. O cliente intronizado vacila e recua. Martin vira-se então para a funcionária da caixa. — Agora você...

A pancada atinge-o de lado como se viesse de um cotovelo. Um instante depois, o impacto afasta-o do balcão e atira-o para um espaço vazio aparentemente imenso. Até que chega ao chão, onde lhe cheira a tecido queimado.

Ouve Helen a gritar. Olha para tudo de forma confusa, a partir do chão. À sua frente estão umas botas, e uma voz que parece cartão a rasgar-se chega até si vinda de cima.

— Acho que é melhor abandonar a loja, senhor.

O segurança coloca-o de pé e encosta-o novamente ao balcão da caixa. É um homem corpulento, com a barriga grande, mas de olhar vivo e duro. Já faz aquilo há muito tempo, provavelmente começou a fazer segurança em bares antes de arranjar aquele emprego. Já deve ter desancado homens antes; e às quatro e meia de uma quarta-feira, Martin não está com a sua roupa de trabalho, mas sim com umas calças de ganga desbotadas informais e uma camisola de gola alta bastante usada que não atesta a qualidade que teve outrora. O segurança pensa que tirou o retrato a Martin. Ele não sabe, nem se preocupa.

Martin afasta-se do balcão.

A pancada que desfere com a palma da mão atinge em cheio o nariz do segurança. O joelho sobe até à altura da virilha. À medida que o segurança cai, Martin desfere uma pancada com o punho fechado na base do crânio.

O segurança cai no chão como se fosse um peso morto.

— Fique onde está!

Martin dá meia volta nos calcanhares e dá de caras com a parceira mais pequena do segurança, no preciso instante em que ela está a sacar uma arma do col-dre. Ainda um pouco confuso com a cotovelada que tinha levado, Martin atira-se para o lado errado, na direcção da segurança. Ela dá-lhe um tiro, espalhando os seus miolos por cima da mulher, do filho, da caixa, da funcionária e de todas as compras que estavam no tapete e que já não tinham dinheiro para pagar.

FICHEIRO #1

INVESTIMENTO
INICIAL

A cordou.
Encharcado em suor.
Os fragmentos do sonho continuam a comprimir a sua respiração e a esmagar-lhe a cabeça contra a almofada; a cabeça anda à roda no quarto mergulhado em escuridão...

A realidade abateu-se sobre ele como se fosse um lençol fresco. Estava em casa.

Estremeceu enquanto dava um suspiro profundo e procurou o copo de água que estava ao lado da cama. No sonho, tinha caído no chão do supermercado e continuou a deslizar, arrancando a tijoleira.

Do outro lado da cama, Carla mexeu-se e colocou uma mão no seu corpo.

— Chris?

— Está tudo bem. Estava a sonhar — engoliu a água com um gole só. — Era um pesadelo, mais nada.

— Foi outra vez o Murcheson?

Chris hesitou, com muito pouca vontade de corrigir a sua presunção. Já não sonhava muitas vezes com a morte agonizante do Murcheson. Estremeceu levemente. Carla suspirou e chegou-se para mais perto dele. Pegou numa das mãos de Chris e pressionou-a contra um dos seus seios generosos.

— O meu pai havia de adorar isto. Tu, com a consciência pesada. Ele sempre disse que não tinhas nenhuma.

— Pois — Chris levantou o despertador e procurou focar os algarismos. Eram três e vinte. Maravilhoso. Sabia que não ia conseguir voltar a adormecer durante mais algum tempo. *Estava maravilhosamente fodido*. Deixou-se cair para trás. — O teu pai tem uma amnésia muito conveniente quando se trata de pagar a renda.

— Quem pode, pode. Porque achas que casei contigo?

Chris virou a cabeça e tocou-lhe gentilmente no nariz.

— Estás a gozar comigo, é?

Como resposta, Carla esticou o braço em direcção ao pénis dele e passou-o por entre os dedos.

— Não. Estou a tentar acalmar-te.

À medida que se aproximaram um do outro, ele sentiu uma lufada quente de desejo por ela, soprando o sonho para bem longe; mesmo assim, demorou algum tempo a ficar duro sob as suas mãos. Foi apenas nos estertores finais do clímax que se deixou cair por fim.

E caiu.

Quando o despertador tocou, estava a chover. O ruído suave da chuva soava no exterior como se fosse uma televisão por sintonizar, com o volume muito baixo. Desligou o alarme com um movimento rápido e ficou a ouvir a chuva a cair durante alguns instantes; depois deslizou da cama sem acordar Carla.

Na cozinha, ligou a máquina do café, foi para o duche e saiu a tempo para ferver leite para o *cappuccino* de Carla. Levou-lho até à cama, acordou-a com um beijo e mostrou-lhe a chávena. O mais provável era ela voltar a adormecer e só beber o café frio quando finalmente acordasse. Tirou algumas roupas do guarda-fatos — uma camisa simples branca, um dos fatos italianos e sapatos argentinos de pele. Levou a roupa até ao andar de baixo.

Vestido, mas ainda com as roupas desapertadas, levou o seu café duplo e uma torrada até à sala de estar, para ver o noticiário das sete. Como de costume, havia uma série de comentários detalhados sobre a actualidade internacional e quando chegou a altura da rubrica Promoções e Nomeações, estava na hora de ir embora. Chris encolheu os ombros, desligou a televisão e só se lembrou de fazer o nó de gravata quando viu a sua imagem reflectida no espelho do hall de entrada. Quando saiu pela porta da frente e desactivou o alarme do Saab, Carla estava a começar a acordar.

Chris ficou à chuva suave por breves momentos, a contemplar o carro. Pequenas gotículas de água brilhavam em cima do metal cinzento e frio. Até que sorriu.

— Investimentos em Conflitos, aqui vamos nós — murmurou enquanto entrava no carro.

Ouviu o resto das notícias no rádio. Começaram a dar a rubrica Promoções e Nomeações quando ele fez a curva para o cruzamento de Elsen-ham. Ouviu a voz rouca de Liz Linshaw, com uma ligeira pronúncia própria das zonas isoladas para endurecer a voz de outro modo bastante civilizada. Quando aparecia na televisão, vestia-se com uma mistura de estilos entre uma mediadora governamental e uma dançarina exótica contratada e, nos dois últimos anos, tinha aparecido nas páginas de todas as revistas masculinas que havia no mercado. Era a protagonista de todos os sonhos eróticos dos executivos e a rainha das audiências AM da nação, segundo as aclamações populares.

—... poucas alterações esta semana — dizia com a voz rouca. — O desempate da concessão do Congo por que todos esperamos foi adiado até à próxima semana. Podem culpar os meteorologistas por este facto, embora aqui da minha janela me pareça que aqueles tipos meteram água outra vez. Há menos chuva agora do que quando assistimos ao confronto entre Saunders e Nakamura. Ainda não há novidades quanto ao desafio na orbital de Londres por parte de um sem-nome contra Mike Bryant da Shorn e Associados. Não sei onde te meteste Mike, mas se me estás a ouvir, estamos ansiosos por ter notícias tuas. E agora para as novas nomeações desta semana: Jeremy Tealby conseguiu a sociedade na Collister Maclean; acho que já todos sabíamos há muito tempo que isso ia acontecer; e Carol Dexter foi promovida para supervisora de mercado sénior na Mariner Sketch, depois do seu espectacular desempenho na semana passada contra Roger Inglis. Agora, de volta à Shorn para uma menção ao forte recém-chegado ao departamento de Investimentos em Conflitos ...

Os olhos de Chris vacilaram da estrada para o rádio. Aumentou um pouco o volume.

—... Christopher Faulkner, roubado aos gigantes do investimento, Hammett McColl, onde já tinha uma brilhante carreira nos Mercados Emergentes. Os ouvintes habituais do Promoções e Nomeações recordarão certamente o espantoso sucesso de Chris na Hammett McColl, a começar pela rápida eliminação do rival Edward Quain, um executivo na altura com mais de vinte anos de casa. A vingança desta manobra não se fez esperar quando — a excitação fez a sua voz estremecer abruptamente, — oh, acabou de me chegar a notícia da nossa equipa de helicóptero. O desafio na orbital por parte dos sem-nome a Mike Bryant está concluído, com dois dos desafiantes abatidos depois da saída vinte e dois e o terceiro a sinalizar a sua retirada. Aparentemente, o veículo de Bryant não sofreu danos graves e está agora a caminho. Na edição de almoço, teremos já uma reportagem completa e uma entrevista exclusiva com ele. Parece ser um bom início de semana para a Shorn e Associados. Bem, receio que não tenhamos mais tempo por agora, por isso, devolvo a emissão para a Actualidade. Paul.

— Obrigado, Liz. Para começar, de acordo com uma análise do Grupo Noticioso Independente sediado em Glasgow, as taxas de produção cada vez mais baixas no sector fabril, ameaçam mais dez mil postos de trabalho nos territórios NAFTA. Um porta-voz da Comissão de Finanças e Comércio classificou o relatório como “subversivamente negativo”. Mais sobre...

Chris desligou o rádio, ligeiramente irritado com o facto de a rixa de Bryant com um sem-nome ter afastado o seu próprio nome dos lábios carmesins de Liz Linshaw. A chuva já tinha parado de cair e o limpa-pára-brisas estava a chiar en-

quanto percorria o vidro. Desligou-o e olhou de relance para o relógio do *tablier*. Ainda tinha muito tempo.

O alarme de proximidade disparou.

Viu o vulto em aceleração no espelho retrovisor que até então estivera vazio e guinou de forma instintiva para a direita. Entrou na faixa do lado e travou. À medida que o outro carro se aproximou, Chris relaxou. O carro estava amolgado e pintado com primário de vários tons; era personalizado como o seu, mas não por alguém que percebia minimamente de confrontos na estrada. Tinha soldadas no pára-choques da frente pesadas barras de ferro, uma estrutura reforçada volumosa acompanhava o contorno dos pneus e ficava saliente junto das portas. Os pneus traseiros eram largos, para conferir mais estabilidade nas manobras, mas pela maneira como o carro se movimentava, era evidente que tinha demasiado peso.

Um sem-nome.

À semelhança dos rufões de quinze anos que viviam nas zonas isoladas, os sem-nome eram muitas vezes os adversários mais perigosos, porque eram quem tinha mais a provar e menos a perder. O outro condutor estava resguardado por trás da janela lateral protegida por uma grade de metal, mas Chris viu o seu movimento. Julgou ver o brilho de um rosto pálido. O número do condutor estava pintado na parte lateral do carro com uma tinta amarela fluorescente. Chris suspirou e pegou no comunicador.

— Controlo de tráfego — respondeu uma voz masculina anónima.

— Daqui fala Chris Faulkner da Shorn e Associados, autorização de condução 260B354R, em direcção à M11, junto do cruzamento dez. Tenho um possível desafio por parte de um sem-nome com o número X23657.

— A verificar. Um momento, por favor.

Chris começou a aumentar a velocidade gradualmente, para que o sem-nome também começasse a acelerar, mas sem entrar em modo de confronto. Quando o controlador voltou a entrar em contacto com Chris, já ambos os carros iam lado a lado a cerca de cento e quarenta quilómetros por hora.

— Está confirmado, Faulkner. O seu adversário é Simon Fletcher, analista jurídico *freelance*.

Chris emitiu um grunhido. *Advogado desempregado.*

— Desafio registado às 8.04. Está um veículo de transporte de cargas na faixa de rodagem mais lenta junto do cruzamento oito. A carga é pesada. Além dele não há mais trânsito. Tem autorização para continuar.

Chris pisou o acelerador.

Avançou o equivalente ao tamanho do carro e colocou-se mesmo em frente

a ele, forçando Fletcher a tomar uma decisão numa fracção de segundos. Bater nele ou travar. O carro remendado ficou um pouco para trás e Chris sorriu levemente. O reflexo para travar era instintivo. Era necessário que a pessoa tivesse uma vasta série de reacções bem interiorizadas, para que conseguisse parar esse instinto. Afinal, o Fletcher devia *querer* bater-lhe. Era o normal na táctica de confronto na estrada. Em vez disso, os seus instintos tinham-no derrotado.

Isto não vai durar muito tempo.

O advogado acelerou novamente, aproximando-se. Chris deixou-o ficar a cerca de um metro de distância do pára-choques traseiro, depois mudou de faixa e travou. O outro carro passou por ele disparado e Chris voltou a colocar-se atrás dele.

Passaram velozmente pelo cruzamento oito. Já estavam na orbital de Londres, quase a entrar nas zonas isoladas. Chris calculou a distância para a passagem subterrânea, acelerou e deu um toque na traseira do carro de Fletcher. O advogado deu um solavanco em frente devido ao contacto. Chris verificou o velocímetro e acelerou. Mais um toque. Mais um solavanco. O camião de carga automatizado apareceu como se fosse uma lagarta metálica monstruosa, que pairava na faixa mais lenta e depois desapareceu atrás deles com igual rapidez. A passagem subterrânea apareceu um pouco mais à frente. O betão tinha amarelecido com o passar dos anos e estava manchado com grafítis anteriores à colocação da vedação de cinco metros que marcava a zona de exclusão. A vedação erguia-se por cima dos muros e estava rematada com rolos de arame farpado. Chris tinha ouvido dizer que eram electrificados e que a sua voltagem era suficiente para matar.

Deu mais um empurrão a Fletcher e depois abrandou, para o deixar mergulhar no túnel como se fosse um coelho assustado. Travou suavemente durante alguns segundos e voltou a acelerar, entrando no túnel atrás de Fletcher.

Estava na hora de acabar com isto.

Por baixo do peso do tecto do túnel, as coisas eram ligeiramente diferentes. Por cima das suas cabeças estavam luzes amarelas, duas fileiras presas no tecto, como se fossem o rasto de um projectil que passou por ali. Nas paredes, havia sombrios sinais brancos que indicavam “saída de emergência” a intervalos regulares. Não havia qualquer faixa de emergência, apenas uma linha gasta e irregular que marcava a extremidade metálica da estrada e um estreito caminho de betão para os trabalhadores da manutenção. Subitamente, Chris teve a sensação de que estava a jogar um jogo de consola. A sua percepção de velocidade aumentou, sentiu medo de embater contra a parede e foi envolvido pela escuridão.

Chris encontrou Fletcher e aproximou-se dele. O advogado estava confuso — o que era evidente pela forma desajeitada com que conduzia o carro. Chris

desviou-se para as outras faixas de modo a não aparecer no espelho retrovisor de Fletcher e acelerou para o alcançar. O velocímetro indicava mais uma vez cento e quarenta quilómetros — ambos os carros avançavam lado a lado e o túnel só tinha oito quilómetros. Tem de ser rápido. Chris aproximou o carro até só restar um metro entre ambos, ligou a luz interior e, inclinando-se para a janela do passageiro, levantou rigidamente a mão em sinal de despedida. Com a luz acesa, não havia maneira de Fletcher não o ver. Chris manteve o gesto durante algum tempo e depois fechou a mão e apontou com o polegar para baixo. Ao mesmo tempo, desviou o carro apenas com uma mão para a faixa intermediária.

Os resultados foram gratificantes.

Fletcher devia estar a observar o gesto de despedida de Chris, não a estrada que tinha à sua frente e esqueceu-se do local onde estava. Virou o carro para o lado, foi longe de mais e embateu na parede provocando um rasto de fagulhas. O carro pintado com primário cambaleou como se estivesse embriagado, voltou a faiscar ao entrar em contacto com o betão e afastou-se do carro de Chris, com os pneus a chiar. Chris viu pelo espelho quando o advogado travou o carro de forma atabalhoada, deixando-o atravessado em duas das faixas. Sorriu e abrandou até cerca de cinquenta quilómetros por hora, esperando para ver se Fletcher retomava o desafio. O outro carro não deu sinais de actividade. Ainda estava parado quando Chris começou a subir a rampa de acesso da extremidade do túnel e o perdeu de vista.

— Um homem sábio — murmurou para si próprio.

Saiu do túnel e encontrou um inesperado dia de sol. A estrada tinha uma forma arqueada, subindo uma comprida e elevada curva que passava por cima da vastidão de zonas isoladas e continuava em ângulo em direcção ao conjunto de torres do centro da cidade. A luz do sol chegava por meio de raios isolados. As torres brilhavam.

Chris acelerou ao fazer a curva.



A luz da casa de banho era fraca; entrava pelas janelas altas, colocadas no tecto inclinado. Chris lavou as mãos no lavatório de ónix e olhou para a sua imagem, reflectida pelo enorme espelho redondo. Os olhos cinzentos da cor do Saab que olhavam para ele eram límpidos e calmos. As tatuagens de

códigos de barras que tinha por cima das maçãs do rosto condiziam com a cor dos olhos e misturavam-na com riscas de azul mais claro. Um pouco mais abaixo, o azul voltava a aparecer no tecido do seu fato e nas linhas ondulantes da sua gravata Susana Ingram. A camisa brilhava névea contra a pele bronzeada e, quando sorria, o dente de prata captava a luz da sala numa harmonia perfeita.

Era o suficiente.

O som de água a salpicar continuou mesmo depois de ter fechado a torneira. Olhou para o lado e viu um homem a lavar as mãos, dois lavatórios abaixo do seu. O recém-chegado era grande; o tamanho dos seus membros e o volume do peito pareciam pertencer a alguém que desfilava habitualmente roupa formal masculina. Tinha o cabelo comprido e louro preso num rabo-de-cavalo. Era um Viking vestido de *Armani*. Chris quase procurou por um machado de lâmina dupla, possivelmente encostado ao lavatório onde o homem estava.

Em vez disso, uma das mãos ergueu-se do lavatório e Chris viu, com um súbito e visceral choque, que estava generosamente manchada de sangue. O outro homem levantou os olhos e fitou-o.

— Posso ajudar-te em alguma coisa?

Chris abanou a cabeça e virou-se para o secador de mãos que estava preso na parede. Atrás de si, ouviu a água parar de correr e o homem juntou-se a ele no secador. Chris percebeu o momento da sua chegada e abriu um pouco de espaço, esfregando os últimos vestígios de humidade das mãos. O secador continuou a funcionar. O outro homem observava-o de perto.

— Então, deves ser o tipo novo.

Estalou os dedos molhados. Chris reparou que ainda tinham sangue, pequenos salpicos nas linhas das palmas das mãos.

— Chris qualquer coisa, não é?

— Faulkner.

— Pois, Faulkner, é isso — disse, colocando a mão por baixo do jacto de ar. — Acabaste de chegar da Hammett McColl?

— Sim.

— O meu nome é Mike Bryant — disse, estendendo a mão de lado.

Chris hesitou ligeiramente, olhando para o sangue. Bryant percebeu a sua hesitação.

— Ah, pois. Desculpa lá. Era só um sem-nome e a política da Shorn é que temos de trazer os cartões de crédito deles como prova da morte. Às vezes pode tornar-se uma questão um bocado suja.

— Eu também tive um sem-nome que se meteu comigo hoje de manhã — disse Chris de forma espontânea.

- Ai sim? Onde é que foi isso?
- Na M11, perto do cruzamento oito.
- O túnel. Deste cabo dele lá dentro?

Chris acenou com a cabeça, decidindo naquele preciso instante não mencionar a natureza inconclusiva do encontro.

— Ainda bem. Quero dizer, os sem-nome não nos levam a lado nenhum, mas fica bem no currículo, acho eu.

— É capaz.

— Vens para os Investimentos em Conflitos, não vens? É a secção da Louise Hewitt. Eu também trabalho lá em cima, no piso 53. Ela andava a exibir o teu currículo há algumas semanas. Aquela cena que fizeste na Hammett McColl foi uma grande jogada. Bem-vindo à Shorn.

— Obrigado.

— Se quiseres, acompanho-te até lá acima. Também vou para aqueles lados.

— Ótimo.

Saíram para a curva larga formada pelo corredor e depararam-se com uma parede de vidro que, a partir do vigésimo andar onde se encontravam, lhes oferecia uma vista do bairro financeiro da cidade. Bryant pareceu querer interiorizar aquela imagem durante um instante, antes de se virar para atravessar o corredor, sempre a coçar uma mancha insistente de sangue que não lhe saía da mão.

— Já te deram um carro?

— Não, eu já tenho carro. Está personalizado. A minha mulher é mecânica. Bryant parou de andar e olhou para ele.

— Estás a gozar.

— Não estou nada.

Chris levantou a mão esquerda e mostrou o aro simples de metal que tinha no dedo anelar. Bryant examinou-o com interesse.

— O que é isso? Aço? — Compreendeu subitamente o significado do anel e sorriu. — É tirado de um motor, não é? Já li que há quem faça isso.

— É titânio. Tirei-o da câmara de ventilação de um Saab antigo. Tive que o mandar apertar, mas com excepção desse facto é...

— Pois é, certo — o entusiasmo do outro homem era quase infantil. — Também o fizeste em cima de um motor, como fez aquele tipo em Milão, no ano passado? — Estalou novamente os dedos. — Como é que ele se chama, Bonocello, ou qualquer coisa parecida?

— Bonicelli. Sim, foi mais ou menos assim.

Chris tentou afastar o aborrecimento da voz. O altar de casamento construído com um motor de um carro antecedia o de Bonicelli pelo menos uns cinco

anos, mas tinha passado quase despercebido na imprensa automóvel. O casamento de Bonicelli deu que falar durante semanas, com direito a todos os detalhes. Talvez se devesse ao facto de Silvio Bonicelli ser o terrível filho mais novo de uma família Florentina com grande tradição de condução, ou então era por ter casado não com uma mecânica mas com uma antiga estrela porno que estava prestes a tornar-se em cantora pop fabricada em estúdio. Também se podia dever ao facto de Chris e Carla se terem casado nas traseiras da oficina de Mel, a AutoFix, sem grandes alaridos e Silvio Bonicelli ter convidado as figuras de topo de todas as empresas importantes da Europa e ter feito a cerimónia no novo pavilhão da Lancia, em Milão. Era isso que safava a nobreza empresarial do século XXI. Famílias com bons contactos.

— Casaste com a tua mecânica. — Bryant estava mais uma vez com um sorriso rasgado nos lábios. — Bem, eu vejo bem como isso pode ser útil, mas tenho de te dizer, meu, admiro a tua coragem.

— Não foi uma questão de coragem — disse Chris calmamente. — Eu estava apaixonado. És casado?

— Sou. — Bryant viu Chris olhar para o dedo anelar. — Oh, é platina. A Suki é gestora de contratos na Costerman's. Agora trabalha quase sempre a partir de casa e se tivermos mais um filho, o mais certo é que acabe por se demitir.

— Tens filhos?

— Tenho, mas só uma. Ariana.

Chegaram ao fim do corredor onde se localizavam uma série de elevadores. Enquanto esperavam, Bryant levou a mão ao bolso do casaco e tirou a carteira. Abriu-a, revelando um conjunto impressionante de cartões de crédito e a fotografia de uma mulher ruiva muito atraente com uma criança com cara de duende.

— Olha. Tirámos esta fotografia no aniversário dela. Quando fez um ano. Já passou quase outro. Eles crescem tão depressa. Tens filhos?

— Ainda não.

— Bem, a única coisa que te posso dizer é que não deves esperar demasiado tempo.

Bryant fechou a carteira quando o elevador chegou e ambos subiram num silêncio amistoso. O elevador anunciava cada um dos pisos com um tom de voz conversador, enquanto lhes dava breves informações sobre os projectos mais actuais da Shorn. Passado algum tempo Chris falou, mais para abafar a voz sintética e simpática do que por qualquer outro motivo.

— Este sítio tem as suas próprias aulas de combate?

— Como, corpo a corpo? — Bryant sorriu amplamente. — Olha para aquele número, Chris. Quarenta e um. Aqui em cima não se luta corpo a corpo para

conseguir uma promoção. A Louise Hewitt consideraria uma ação desse tipo o cúmulo do mau gosto.

Chris encolheu os ombros.

— Pois, mas nunca se sabe. Já uma vez me salvou a vida.

— Ouve, estou a brincar — disse Bryant, dando-lhe uma pancadinha no ombro. — Sim, eles têm uma série de instrutores da empresa, lá em baixo, no ginásio. Acho que de Shotokan e Tae Kwon Do. Eu às vezes também faço um pouco de Shotokan, só para me manter em forma; além de que nunca sabemos quando vamos acabar por ir parar às zonas isoladas — piscou o olho. — Estás a perceber? Mas de qualquer maneira, como diz um dos meus instrutores, aprender uma arte marcial não te vai ensinar a lutar. O que se deve fazer é aprender o básico, ir para as ruas e entrar em meia dúzia de lutas. Assim é que se aprende a lutar de verdade — mais um sorriso rasgado. — Pelo menos é o que eles me dizem.

O elevador deu um pequeno solavanco antes de parar.

— Andar cinquenta e três — anunciou alegremente. — Divisão de Investimentos em Conflitos. Certifique-se por favor que possui uma autorização de nível sete para aceder a este piso. Tenha um bom dia.

Saíram para uma pequena antecâmara, onde uma segurança impecavelmente arranjada cumprimentou Bryant e pediu a identificação de Chris. Chris pegou no cartão com código de barras que lhe tinham dado na recepção do edifício e esperou enquanto a segurança o passava no *scanner*.

— Bem, Chris, tenho de ir andando — disse Bryant, acenando com a cabeça para o corredor do lado direito. — Às dez tenho uma conferência com um ditador sebento que quer fazer uma revisão de orçamento e ainda me estou a tentar lembrar do nome do ministro de defesa do tipo. Sabes como é. Vemo-nos na reunião de revisão trimestral, na sexta-feira. Normalmente depois da reunião acabamos por ir sair.

— Claro. Até lá, então.

Chris observou-o a afastar-se com aparente calma. Mas por baixo da superfície, estava munido da mesma cautela que tinha utilizado com o sem-nome naquela manhã. Bryant parecia ser um tipo razoavelmente amistoso, mas sob as circunstâncias certas, toda a gente parecia. Até o pai de Carla podia parecer um homem razoável, se a conversa fosse ligeira. E uma pessoa que lavava o sangue das mãos da maneira que Mike Bryant tinha lavado, não era o ideal de pessoa que Chris gostava de ter atrás de si.

A segurança devolveu-lhe o cartão e apontou para uma porta dupla que ficava mesmo em frente.

— Sala de conferências — disse, — eles estão à sua espera.

...

A última vez que Chris tinha estado na presença de um sócio sénior, fora quando entregara a sua demissão na Hammett McColl. Vincent McColl tinha um gabinete com janelas altas, forrado com painéis de madeira escura e com uma parede coberta de livros que pareciam ter uma centena de anos. Nas restantes paredes havia retratos dos ilustres sócios que, em oitenta anos, tinham passado pela empresa e em cima da secretária, uma fotografia do pai a cumprimentar Margaret Thatcher com um aperto de mão. O chão era de madeira encerada, coberta com carpetes turcas com duzentos anos. O próprio McColl tinha o cabelo da cor da prata, encarcerava o corpo esguio em fatos que se usaram há pelo menos uma geração e recusava-se a ter um videofone no gabinete. A sala era um autêntico santuário à tradição, uma particularidade estranha para um homem cuja principal responsabilidade era liderar uma divisão chamada Mercados Emergentes.

Jack Notley, o sócio mais velho da Shorn e Associados, encarregue dos Investimentos em Conflitos, não podia ser mais diferente de McColl; nem que visse num universo paralelo onde tudo funcionava ao contrário. Era um homem robusto, com um aspecto poderoso, de cabelo farto, que não estava impecavelmente aparado e que só agora começava a evidenciar alguns cabelos brancos. As suas mãos eram rosadas e os dedos atarracados; o fato que vestia era da Susana Ingram, tinha provavelmente custado tanto como o chassis original do Saab de Chris, e o corpo que escondia parecia estar em forma para um ringue de boxe. As suas feições eram rudemente esculpidas e por baixo do olho direito tinha uma enorme e irregular cicatriz. Os olhos eram atentos e brilhantes. Apenas as finas linhas que se acumulavam em seu redor davam indicação dos reais quarenta e sete anos de Notley. À medida que Notley atravessou a sala de recepção em tons de pastel, Chris pensou que ele parecia um *troll* de férias na Gnomolândia.

Como já era de prever, o seu aperto de mão tinha força suficiente para partir ossos.

— Chris. Que bom ter-te finalmente connosco. Entra, por favor. Gostaria que conhecesses algumas pessoas.

Chris desentorpeceu os dedos e seguiu as costas largas do troll até à sala onde um nível central de solo rebaixado estava decorado com uma ampla mesa de centro, um par de sofás de canto e uma única poltrona, manifestamente destinada ao líder das reuniões. Sentados em extremidades opostas do mesmo sofá estavam um homem e uma mulher, ambos mais jovens que Notley. Os olhos de Chris centraram-se automaticamente na mulher, um segundo antes de Notley falar e gesticular na sua direcção.

— Esta é Louise Hewitt, gestora de divisão e sócia executiva. Ela é o verdadeiro cérebro por detrás do que fazemos aqui.

Hewitt afastou-se do sofá e inclinou-se para o cumprimentar. Era uma mulher voluptuosa, bonita, no final dos trinta anos, que se esforçava por não parecer a idade que tinha. O fato que usava parecia ser Daisuke Todoroki — preto absoluto, saía travada pelos joelhos e casaco de corte simétrico. Os sapatos não tinham um tacão pronunciado. Tinha o cabelo comprido e escuro apanhado em forma de nó na nuca, e as feições pálidas tinham pouca maquilhagem. O seu aperto de mão não tentava transmitir nada.

— E este é Philip Hamilton, sócio júnior da divisão.

Chris virou-se para olhar para o homem com um aspecto enganadoramente suave que estava sentado na outra extremidade do sofá. Hamilton tinha o queixo retraído e uma figura pesada que lhe dava um ar pouco atilado, mesmo vestido com o fato Ingram da cor do carvão, mas os olhos azuis pálidos não deixavam escapar absolutamente nada. Continuou sentado, mas estendeu a mão pouco firme enquanto balbuciava um cumprimento. Chris pensou ouvir uma antipatia velada na sua voz.

— Muito bem — disse Notley com uma voz jovial — como por estes lados não sou muito mais do que uma figura decorativa, vou então passar a palavra à Louise. Vamos sentar-nos e beber qualquer coisa. O que queres?

— Chá verde, se tiver.

— Com certeza. Um bule de chá será. Um Jiang está bem?

Chris acenou com a cabeça, impressionado. Notley encaminhou-se para a enorme secretária que estava junto de uma das janelas e carregou num botão do telefone. Louise Hewitt sentou-se com uma postura imaculada e olhou para Chris.

— Já ouvi falar muito de ti, Faulkner — disse de modo neutro.

— Ótimo.

Ainda com o tom neutro:

— Por acaso, não foi assim tão bom. Há um ou dois pontos que gostaria de esclarecer, se não te importares.

Chris abriu as mãos.

— Força. Eu agora trabalho aqui.

— Sim. — O sorriso débil transmitiu a Chris que ela tinha percebido a provocação. — Bem, talvez pudéssemos começar pelo teu carro. Soube que recusaste o carro que a empresa tinha para te dar. Tens alguma coisa contra a marca BMW?

— Bem, acho que eles têm tendência para colocar uma blindagem demasiado pesada nos carros. De resto, não tenho nada contra. Foi uma oferta bastante

generosa. Mas eu tenho o meu próprio carro e prefiro ficar com aquilo que já conheço, se não vos fizer diferença. Sinto-me mais confortável.

— Personalizado — disse Hamilton como se estivesse a mencionar uma disfunção psicológica.

— O que foi? — Notley estava de volta, sentando-se previsivelmente na poltrona. — Ah, o teu carro, Chris. Pois, ouvi dizer que casaste com a mulher que o montou. Estou certo, não estou?

— Sim, está.

Chris observou rapidamente as expressões que o rodeavam. No rosto de Notley parecia imperar uma tolerância amigável, no de Hamilton antipatia e no de Louise Hewitt, coisa nenhuma.

— Isso deve ser um laço bastante forte entre vocês — disse Notley, quase para si próprio.

— Hum, sim. Na verdade, sim.

— Gostaria de falar do incidente Bennett — disse Louise Hewitt em voz alta. Chris cruzou o seu olhar com o dela durante instantes e suspirou.

— Os pormenores são os que coloquei no relatório. Deve ter lido sobre isso na altura. A Bennett estava a candidatar-se ao mesmo cargo de analista que eu. O combate teve lugar naquele troço alto que vai dar à M40. Atirei-a para fora da estrada numa curva e ela ficou pendurada no precipício. O peso do carro ia acabar por a puxar para baixo mais cedo ou mais tarde; ela conduzia um Jaguar Mentor reconfigurado.

Notley soltou um grunhido que queria dizer que também já tinha conduzido um carro daqueles.

— De qualquer maneira, parei e consegui tirá-la do carro, que caiu uns minutos depois. Quando cheguei ao hospital, ela estava semi-consciente. Acho que bateu com a cabeça no volante.

— Ao hospital? — A voz de Hamilton tinha um tom educadamente incrédulo. — Desculpa lá. Tu levaste-a ao *hospital*?

Chris olhou fixamente para ele.

— Sim. Levei-a ao *hospital*. Há algum problema nisso?

— Bem — disse Hamilton com uma gargalhada, — digamos que as pessoas por estes lados teriam alguns problemas com isso, sim.

— E se a Bennett decidisse entrar noutra combate pelo cargo? — perguntou Hewitt com uma atitude fria e grave, em contradição clara com o humor do sócio mais novo.

Chris teve a sensação de que aquele diálogo tinha sido ensaiado. Encolheu os ombros.

— Como? Com as costelas partidas, o braço direito partido e uma contusão na cabeça? Pelo que me lembro, ela não estava em condições de fazer grande coisa, além de respirar com dificuldade.

— Mas conseguiu recuperar, ou não? — perguntou Hamilton timidamente. — Ainda está a trabalhar. E ainda está em Londres.

— Está de volta à Hammett McColl — confirmou Hewitt, ainda com uma atitude fria.

Chris sabia que a pancada viria de Hamilton.

— Foi por isso que saíste de lá, Chris? — O sócio júnior estava mesmo bem ensaiado, com a voz ainda levemente toldada pela ironia. — Não tiveste coragem para acabar o trabalho?

— O que eu acho que a Louise e o Philip estão a tentar dizer — interrompeu Notley, fazendo o papel de tio simpático que intervém numa disputa familiar, — é que não *resolveste* o assunto. Seria uma maneira aceitável de resumir a vossa opinião, Louise?

Hewitt acenou levemente.

— Podemos dizer que sim.

— Fiquei na HM dois anos depois do que se passou com a Bennett — disse Chris, mantendo-se calmo. Não estava à espera que aquela questão surgisse tão depressa. — Como era esperado, ela honrou a derrota. O assunto foi resolvido de forma satisfatória para mim e para a empresa.

Notley fez alguns gestos pacificadores.

— Sim, sim. Então, talvez este assunto seja mais uma questão de cultura empresarial do que de culpa. O que valorizamos aqui na Shorn é... como dizê-lo? Bem, sim. Determinação, julgo eu. Não gostamos de deixar pontas soltas. Elas podem apanhar-te mais tarde, e a nós também. Como podes ver pelo embaraço que o caso Bennett está a causar-nos a todos neste preciso instante. Encontramo-nos, digamos... numa situação ambígua. Agora, isso não aconteceria se tivesses resolvido o assunto de modo terminal. É este tipo de ambiguidade que gostamos de evitar na Shorn e Associados. Não se adequa à nossa imagem, principalmente numa área tão competitiva como os Investimentos em Conflitos. Tenho a certeza de que entendes o que quero dizer.

Chris olhou em redor, para os três rostos, contando os amigos e inimigos que já tinha feito. Conseguiu produzir um sorriso.

— Claro que sim — disse. — Ninguém gosta de ambiguidades.



A arma estava pousada, sem qualquer ambiguidade, no centro da secretária, a pedir para ser segurada. Chris enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela com antipatia.

— Isto é meu?

— Heckler e Koch Nemesis Dez — Hewitt passou por ele e envolveu o pesado punho de borracha preta com a mão. — A Nemex. É semi-automática, bloqueio de hesitação de acção dupla, não precisa de cavilha de segurança. É só sacar e começar a disparar. O normal para a Shorn. Vem com um coldre de ombro, por isso podes usá-la por baixo do fato. Nunca se sabe quando é preciso dar um golpe de misericórdia.

Chris esforçou-se para abafar um sorriso pretensioso. Talvez ela tivesse visto.

— Nós temos uma maneira própria de fazer as coisas por aqui, Faulkner. Se desafia alguém, no fim não o levas para o hospital. Vais junto dele e acabas o teu trabalho. Com isto, se for necessário. — Apontou a pistola para a unidade de armazenamento de dados encastrada na secretária. Ouviu-se um clique seco enquanto puxou o gatilho. — Se puderes, trazes os cartões de crédito deles. E por falar nisso.

Louise Hewitt levou a mão livre ao bolso interior do casaco e tirou um pequeno rectângulo. A luz refulgiu no S e A entrelaçados que compunham o holograma do logótipo da Shorn e Associados. Atirou o cartão para cima da secretária e colocou a arma ao lado.

— Aqui tens. Não te separe de nenhum dos dois. Nunca se sabe quando podes precisar de algum poder de fogo.

Chris pegou no cartão e bateu pensativamente com ele em cima do tampo da secretária. Deixou a arma onde ela estava.

— As balas estão na gaveta de cima. São revestidas, eram capazes de atravessar o motor de um camião de carga. Tu não costumavas conduzir um camião desses? Arbitragem de Câmbios móvel, ou qualquer coisa do género.

— Isso. — Chris tirou a carteira do bolso e guardou o cartão. Olhou para Hewitt com expectativa. — E?

— E nada. — Hewitt passou por ele em direcção à janela e olhou para o mundo lá em baixo. — Acho que era uma ideia inspirada, vender esse tipo de bens para uma base de transportes. Mas não é a mesma coisa que conduzir para um banco de investimentos, pois não?

Chris sorriu levemente e sentou-se na esquina da secretária, de costas para a janela e para a sua nova chefe.

— Você não gosta lá muito de mim, pois não, Hewitt?

— Isto não se trata de gostar ou não, Faulkner. Só acho que tu não pertences aqui.

— Bem, mas há quem evidentemente cá pertença.

Chris ouviu-a a regressar à secretária e voltou casualmente a cabeça quando ela se aproximou. Atrás dela, Chris reparou subitamente como o escritório por decorar parecia não ter qualquer vida.

— Hum, olhem bem para isto — disse Hewitt com suavidade. — Conseguiste fazer com que me aproximasse novamente, não foi? É a esse tipo de jogos de poder que estás habituado? Aqui não te safas com isso, Faulkner. Eu vi o teu currículo. Tens a sonante morte do Quain há oito anos, mas desde essa altura não há muito mais a relatar. Tiveste sorte, mais nada.

Chris manteve a voz suave.

— E a Hammett McColl também. Pouparam à volta de quinze mil no pagamento de bónus quando o Quain se afundou. E desde então *não precisei* de provocar mais mortes. Às vezes basta fazer o trabalho bem feito. Não é necessário andar sempre a provar o meu valor.

— Aqui é. Vais acabar por descobri-lo.

— A sério? — Chris abriu a primeira gaveta e olhou para o seu conteúdo, como se interessasse mais do que a mulher que tinha à frente. — Não me diga que tem um dos seus rapazinhos pronto para me desafiar por este escritório?

Por breves momentos, teve-a na mão. Percebeu com a sua visão periférica a maneira como o corpo dela se tornou rígido. Depois Hewitt inspirou profundamente, como se Chris fosse uma flor nova cujo aroma adorava. Quando ele olhou para cima, ela sorriu.

— Engraçado — disse. — Oh, tu és muito engraçado. O Notley gosta de ti, sabias? É por isso que estás aqui. Recorda-lo de si próprio, quando era jovem. Ele veio do nada, exactamente como tu, montado numa morte impressionante. Ele também tinha uma tatuagem, exactamente como tu. Uma torrente de símbolos de moedas em circulação, como se fossem lágrimas a cair-lhe de um dos olhos. Um clássico. — Fez beicinho. — Ele até namorou com a sua mecânica durante uns cinco anos. Era uma rapariguinha das zonas isoladas, sempre com um borrão de óleo no nariz. Dizem que uma vez até apareceu num dos jantares trimestrais com o nariz manchado. Pois é, o Notley gosta de ti, mas reparaste o que aconteceu à tatuagem? Desapareceu. Da mesma forma que a rapariguinha das zonas desapareceu. Sabes, o Notley às vezes tem uns ataques de sentimentalismo, mas

ele é um profissional e não deixa que eles interfiram com o trabalho. Lembra-te bem disso, porque vais acabar por o desiludir, Faulkner. Não tens estofo para isto.

— Bem-vinda ao clube.

Hewitt olhou para ele sem qualquer expressão. Chris gesticulou com uma mão aberta.

— Pensei que pelo menos um de nós devia dizê-lo.

— Olha, sabes que mais? — perguntou, encolhendo os ombros e virando-se para sair. — Prova-me que estou errada.

Chris observou-a enquanto saía, com o rosto indecifrável. Quando a porta se fechou, os olhos pousaram na Nemex preta sem brilho que estava em cima da secretária e até o seu lábio se contorceu ironicamente.

— *Cowboys* de um corno.

Guardou cuidadosamente a arma ao lado das balas e fechou a gaveta.

Na base de dados estava uma lista de sugestões de investidora: pessoas a quem devia telefonar, quando o devia fazer e onde podiam ser encontradas. Procedimentos a implementar, a melhor altura para aceder às áreas de armazenamento de dados da Shorn necessários para cada tarefa. Uma sinopse dos casos que lhe foram atribuídos para os dois meses seguintes, com sinalizadores que indicavam aqueles que precisavam de atenção mais imediata. O programa de assistência pessoal tinha estruturado tudo e sugerido uma sequência conveniente que tornava possível fazer o que era necessário com tanta eficiência quanto possível e ainda lhe dizia que o momento mais oportuno para ir para casa naquele dia seria por volta das oito e meia da noite.

Chris fantasiou brevemente sobre carregar a Nemex com as munições revestidas e repetir a pontaria ao alvo de Hewitt, sendo que o alvo era a unidade de base de dados.

Em vez disso, marcou um número no telefone.

— Carla, é o Chris. Vou chegar tarde esta noite, por isso, não esperes por mim. Ainda há algum chilli no frigorífico, tenta não o comer todo e deixar algum para eu comer quando chegar, senão lixo-te a cabeça. Ah, por falar nisso, estou apaixonado.

Pousou o auscultador e olhou para o ecrã da unidade de base de dados. Depois de uma longa pausa, clicou no triângulo cor de laranja que marcava a área de Investimentos em Conflitos e observou enquanto ele aumentava, como se fosse uma flor a desabrochar.

A luminosidade ficou reflectida no seu rosto.

Quando chegou a casa, já passava das onze da noite. Desligou as luzes na primeira curva do caminho de acesso, embora soubesse que o ruído dos pneus na gravilha iria provavelmente acordar Carla, como teria acontecido se levasse os máximos ligados até casa. Às vezes ela parecia perceber que ele estava a chegar mais por intuição do que por qualquer outro motivo. Estacionou ao lado do Land Rover remendado e gasto que ela conduzia, desligou o carro e bocejou. Ficou por instantes sentado dentro do carro quieto e escuro, a ouvir o motor a arrefecer.

Vim a casa para dormir seis horas. Por que raio viemos viver para tão longe?

Mas ele sabia a resposta àquela pergunta.

Esta empresa não é diferente da HM. Viver no escritório, dormir em casa, esquecer que se tem uma relação amorosa. A merda é a mesma, só muda o logótipo.

Bem, mas é daí que vem o dinheiro todo.

Entrou em casa tão silenciosamente quanto foi capaz e encontrou Carla na sala a olhar para o ecrã da televisão, que estava azul, já que o canal tinha acabado a transmissão. Quando levou o copo aos lábios, ouviu-se o tilintar de cubos de gelo.

— Ainda estás acordada — disse Chris. Só depois reparou na quantidade de álcool que faltava na garrafa. — Estás bêbada.

— Não é costume ser eu a dizer isso?

— Esta noite, não. Estive agarrado à porra da base de dados até às dez menos um quarto. — Curvou-se para lhe dar um beijo. — Tiveste um dia difícil?

— Nem por isso. Foi a mesma merda de sempre.

— Pois, comigo foi mais ou menos igual.

Chris aterrou na poltrona ao lado dela. Ela estendeu-lhe o copo de uísque uma fracção de segundo antes de ele lho pedir.

— Estavas a ver o quê?

— O Dex e Set, antes de a ligação se ter perdido.

Ele sorriu.

— Ainda vais conseguir mandar-nos para a prisão.

— Não nesta morada.

— Ai sim? — Chris olhou de relance para a consola junto ao telefone. — Recebemos alguma coisa hoje?

— Alguma coisa de quê?

— Correspondência.

— Só contas. Levantaram a prestação da hipoteca.

— Já? Mas tinham acabado de levantá-la.

— Não, isso foi no mês passado. E também estamos no limite de alguns cartões de crédito.

Chris bebeu um gole de uísque Islay com sabor a turfa, protestando de for-

ma conhecedora sobre o sacrilégio que era juntar pedras de gelo num copo de puro malte. Carla olhou para ele com uma expressão assassina. Ele devolveu-lhe o copo e franziu o sobrolho para o ecrã da televisão.

— E como é que conseguimos fazer isso?

— Gastámos o dinheiro, Chris.

— Então — esticou as pernas compridas em frente do corpo e bocejou mais uma vez. — É para isso que o ganhamos, não é? E que merdas de sempre é que fizeste hoje?

— Recuperações. Uma empresa qualquer de fornecimento de armas, que se mudou há pouco tempo para os lados do limite norte, ficou sem uma dúzia de Mercedes Ramjet novos em folha por causa dos vândalos. Deram-lhes cabo de tudo.

Chris endireitou-se.

— Uma *dúzia*? O que é que eles fizeram, estacionaram-nos na rua?

— Não. Alguém atirou umas quantas granadas de estilhaços de fabrico doméstico para a ventilação da garagem dos executivos. Bum! Materiais corrosivos e pedaços de metal a voar em todas as direcções. O Mel conseguiu fazer um contrato para avaliar os danos e retirar todos os carros sem qualquer encargo para a empresa. Pagou para limpar a garagem, mas pode ficar com as peças que conseguirmos recuperar. Mas agora ouve o melhor de tudo. Alguns destes Mercedes quase não têm nada. O Mel ainda anda por aí a festejar. Diz que se as empresas insistirem nesta treta da regeneração urbana, ainda podemos vir a ter mais trabalhos como este. Esta noite, deve ter enfiado um bom metro de pó da ENAC pelo nariz acima.

— Granadas de estilhaços, há?

— Pois é, é fantástico o que os putos conseguem fazer hoje em dia. Não sei, talvez o Mel os tenha contratado. Ele tem muitos conhecimentos nas zonas isoladas. Ladrões, drogados. Pessoal de gangues.

— Filhos da puta — disse Chris vagamente.

— Pois. Bem, é espantoso o que uma pessoa é capaz de fazer quando não tem nada a perder — disse Carla, deixando que alguma irritação lhe penetrasse na voz. — Não podem fazer mais nada senão ficar junto do arame farpado e olhar os ricos a desfilar.

Chris suspirou.

— Carla, será que podemos ter esta conversa noutra altura, por favor? Porque há algum tempo que não ensaio as minhas falas.

— Tens mais alguma coisa que queiras fazer?

— Bem, podemos sempre foder à luz do ecrã da televisão.

— Pois podíamos — concordou Carla com toda a seriedade. — Só que eu acabo sempre por ficar por cima e ainda tenho os joelhos esfolados da última vez que tiveste essa ideia brilhante. Se queres foder, tens de me levar para a cama.

— Combinado.

Depois, enquanto estavam enroscados um atrás do outro na cama desordenada, Carla aproximou-se do ouvido de Chris e murmurou:

— Já agora, estou apaixonada.

— Eu também.

Ele inclinou-se para trás e esfregou a parte de trás da cabeça no peito dela. Carla estremeceu com o toque do cabelo curto e levou instintivamente a mão até ao pénis murcho de Chris. Ele sorriu e deu-lhe uma palmada na mão.

— Ei, já tiveste a tua parte. Vê se dormes, sua ninfomaníaca!

— Com que então! Queres foder e depois abandonas-me assim. É isso?

— Eu não vou a lugar nenhum — disse Chris, quase a cair no sono.

— Limitas-te a usar-me e depois ferras-te a dormir. Fala comigo, meu sacana.

Um grunhido.

— Nem sequer me contaste como foi o teu dia.

Carla levantou-se e ficou apoiada num braço, enquanto dava pancadinhas nos músculos da barriga de Chris.

— Estou a falar a sério. Como são os Investimentos em Conflitos?

— Os Investimentos em Conflitos são o caminho do futuro a um nível global — disse Chris.

— A sério?

— Pelo menos é o que diz a base de dados da Shorn.

— Oh, então deve ser verdade.

Ele sorriu instintivamente perante o desprezo da voz de Carla e começou a deixar-se adormecer novamente. Mesmo antes de adormecer, Carla julgou ouvi-lo falar. Levantou a cabeça.

— O que foi?

Ele não respondeu e Carla percebeu que Chris estava a murmurar enquanto dormia. Inclinando-se sobre ele, esforçou-se para ouvir o que ele dizia. Desistiu alguns minutos depois. A única coisa que fazia sentido de entre a mistura de sons murmurados era uma palavra que Chris repetia com frequência.

caixa

Carla demorou muito tempo a conseguir adormecer.

— **O**s Investimentos em Conflitos são o caminho do futuro! Uma onda de aplausos estalou e ressoou no tecto de vidro, como se fosse um bando de pombos a bater as asas em debandada. Por toda a sala de conferências, homens e mulheres levantaram-se, batendo palmas de pé. Todo o contingente dos IC da Shorn e Associados estava reunido naquela sala. Chris reparou que os mais novos eram os que aplaudiam com maior fervor. Os seus rostos estavam extasiados com entusiasmo, os dentes e olhos brilhavam à luz dos últimos raios de sol que entravam pelo tecto e janela envidraçada. Estavam com uma expressão de quem seria capaz de aplaudir até à exaustão. Por entre esta plateia de convicção pura, os colegas mais velhos aplaudiam a um ritmo mais comedido, mais lento, enquanto acenavam afirmativamente com as cabeças e as inclinavam na direcção uns dos outros para ir tecendo comentários por baixo do som dos aplausos. Louise Hewitt fez uma pausa, apoiou-se na tribuna e esperou que o ruído diminuísse.

Com a mão em frente da boca, Chris bocejou profundamente.

— Sim, sim. — Hewitt fez alguns gestos apaziguadores.

A sala sossegou.

— Já ouvimos chamarem-lhes arriscados, já ouvimos chamarem-lhes pouco práticos e também já ouvimos chamarem-lhes imorais. Em suma, ouvimos as mesmas vozes queixosas que a economia de mercado livre teve de arrastar atrás de si desde o seu início, como se fosse uma bola presa a uma corrente. Mas nós aprendemos a ignorar essas vozes. Aprendemos e continuámos a aprender, amontoando lição sobre lição, visão sobre visão, sucesso sobre sucesso. E o que cada um desses sucessos nos ensinou e continua a ensinar-nos, uma e outra vez, é a mais simples das verdades. Quem tem as finanças — pausa dramática, um braço esbelto vestido de preto erguido no ar, com a mão fechada num punho — tem o poder.

Chris abafou outro bocejo.

— O ser humano tem andado a travar guerras durante toda a sua história. Está na nossa natureza. Está nos nossos genes. Na última metade do último século, os pacifistas, os *governos* deste mundo, não acabaram com a guerra. Limitaram-se a *geri-la* e fizeram-no *muito mal*. Investiram dinheiro em conflitos e exércitos de guerrilhas no estrangeiro, sem pensar como fariam esse dinheiro regressar; depois investiram mais dinheiro em tortuosos processos de paz que na

maior parte das vezes não melhoraram em nada as situações. Eram partidários, dogmáticos e ineficientes. Muitos milhões foram gastos em guerras insuficientemente avaliadas, para as quais um investidor sensato não teria olhado duas vezes, sequer. Exércitos nacionais gigantescos e desajeitados e alianças internacionais toscas; em suma, um esgotamento imenso no sector público do nosso sistema económico. Centenas de milhares de jovens mortos em partes do mundo cujos nomes nem conseguiam pronunciar correctamente. Decisões tomadas com base apenas em dogmas e doutrinas políticas. Pois muito bem, este modelo já não existe.

Hewitt fez nova pausa. Desta vez, a sala estava inundada de uma calma que carregava o prenúncio de mais uma onda de aplausos, da mesma forma que uma súbita onda de calor carrega consigo a iminência de uma tempestade. Nos últimos momentos da comunicação, a voz de Hewitt atingiu um tom quase coloquial. A sua elocução acalmou e tornou-se quase meditativa.

— Por todo o mundo, homens e mulheres ainda encontram causas pelas quais vale a pena matar e morrer. E quem somos nós para discutir com eles? Vivemos por acaso nas mesmas circunstâncias? Sentimos o que eles sentem? Não. Por isso, não nos *compete* dizer se estão certos ou errados. Nós não devemos julgá-los ou interferir nas suas escolhas. Nos Investimentos em Conflitos da Shorn estamos interessados em duas coisas apenas. Irão eles ganhar? E compensará? Como em todos os outros departamentos, a Shorn vai investir o capital que lhe foi confiado apenas nos locais que nos dão garantias de um retorno considerável. Não fazemos juízos de valor. Não recorremos a moralismos. Não desperdiçamos. Em vez disso, avaliamos e investimos. E prosperamos. É *isso* que significa fazer parte dos Investimentos em Conflitos da Shorn.

A sala de conferências explodiu mais uma vez em aplausos.

— Belo discurso — disse Notley, deitando champanhe no círculo de copos com o braço ágil. — E boa cobertura da imprensa também, graças ao Philip. Deve ajudar-nos e bem na renovação da licença no dia dezoito.

— Ainda bem que gostaste. — Hewitt tirou o copo cheio do círculo e olhou em redor para os sócios ali reunidos.

Com excepção de Philip Hamilton, que estava ao seu lado, os cinco homens e três mulheres que a observavam reuniam entre si cinquenta e sete por cento do capital da Shorn e Associados. Se quisessem, cada um deles podia comprar um jacto particular sem devotar a ponderação que ela colocava na compra de um par de sapatos. Entre os oito, não havia nenhum objecto manufacturado deste mundo que não pudessem ter. Era uma riqueza que ela podia saborear, mas que

estava longe do seu alcance, tal como o bacon a fritar na cozinha de outra pessoa qualquer. Uma riqueza que ela desejava como o sexo. Desejava-a de tal forma que lhe fazia doer as gengivas e o fundo do estômago.

Notley acabou de servir o champanhe e levantou o copo.

— Bem, um brinde às pequenas guerras em todo o lado. Que possam arder lentamente por muitos anos. E parabéns pelo excelente resultado trimestral, Louise. Às pequenas guerras.

— Às pequenas guerras!

— Às pequenas guerras — repetiu Hewitt, bebendo um pouco de champanhe.

Participou nas conversas educadas como se estivesse em piloto automático; gradualmente, os restantes sócios começaram a dispersar para o espaço principal do bar do hotel, procurando os acólitos de cada uma das divisões. Hamilton cruzou o seu olhar com o de Hewitt e esta acenou quase imperceptivelmente com a cabeça. Ele afastou-se com uma desculpa murmurada, deixando-a a sós com Notley.

— Sabes — disse ela calmamente, — tinha dispensado ter o Faulkner a adormecer na fila da frente. Ele está demasiado impressionado consigo próprio, Jack.

— É claro que tu quando tinhas a idade dele não eras assim.

— Ele só tem menos cinco anos que eu. E de qualquer maneira sempre tive estas duas. — Hewitt pousou o copo na lareira e segurou nos seios, como se o estivesse a oferecer. — Não há nada como um decote para reduzir o respeito profissional que se recebe.

Notley pareceu ficar embaraçado e desviou o olhar.

— Oh, vá lá, Louise, não me venhas com essa treta feminista gasta outra ve...

— Ser mulher por estes lados faz com que fiquemos duras, Jack. — Hewitt deixou as mãos cair. — Sabes que é verdade. Tive de me esforçar por percorrer cada centímetro da escada até ser sócia. Comparado comigo, o Faulkner recebeu a sua oportunidade de bandeja. Uma grande morte, cativou a imaginação das Promoções e Nomeações e tem a sorte feita. Olha bem para ele. Nem se deu ao trabalho de fazer a barba hoje de manhã.

Gesticulou para o outro lado do bar, onde Chris estava aparentemente imerso em grandes conversações com um grupo de homens e mulheres da sua idade. Mesmo àquela distância, a barba por fazer era visível. Enquanto o observavam, Chris disfarçou mais um bocejo com o copo.

— Dá-lhe uma oportunidade, Louise. — Notley segurou-lhe no ombro e virou-a novamente de costas. — Se ele fizer para nós o que fez na Hammett McColl, até lhe perdoou por de vez em quando não fazer a barba.

— E se ele não o fizer?

Notley encolheu os ombros e inclinou o copo de champanhe.

— Nesse caso, não vai durar muito tempo, pois não?

Pousou o copo, deu-lhe mais uma palmadinha no ombro e encaminhou-se para o grupo de engravatados. Hewitt ficou onde estava até que Hamilton apareceu silenciosamente ao seu lado.

— Então? — perguntou.

— Nem perguntas.

Do outro lado da sala, Chris estava de facto mergulhado no clássico pesadelo dentro de uma festa. Estava inserido num grupo cujas pessoas conhecia apenas superficialmente; embora ouvisse educadamente as conversas, não tinha qualquer interesse nas pessoas e locais que não conhecia. Doíam-lhe os maxilares devido à tentativa de abafar os bocejos e nada lhe apetecia tanto quanto sair dali calmamente e ir para casa.

Cinco dias depois de teres começado a trabalhar aqui? Não me parece, amigo.

Por puro tédio, foi até ao bar para voltar a encher o copo, embora não lhe apetecesse beber. Enquanto estava à espera, alguém lhe deu um pequeno toque com o cotovelo. Chris virou-se. Era Mike Bryant, com um sorriso de orelha a orelha, acompanhado por um clone da Liz Linshaw e com um tabuleiro repleto de bebidas nas mãos.

— Olá Chris. — Mike teve de erguer a voz por cima do ruído da multidão. — Que tal achaste a Hewitt? É capaz de desencadear uma tempestade, não?

Chris acenou com a cabeça de forma prudente.

— Sim, é muito inspiradora.

— Fora de brincadeiras. Ela entranha-se mesmo em nós. Da primeira vez que a ouvi falar, pensei que tinha sido pessoalmente escolhido para liderar uma cruzada fodida em nome dos investimentos globais. Ia ser o Simeon Sands do sector financeiro. — Mike imitou de forma burlesca o demagogo do teletexto.

— *Aleluia, eu acredito!* Eu tenho fé! A sério, é só olhar para os gráficos de produtividade que se seguem a cada conferência trimestral que ela dá. Disparam pelas tabelas acima, meu.

— Estou a ver.

— Ouve, queres juntar-te a nós? Estamos sentados ali junto à janela, estás a ver. Temos ali reunidos em volta das mesas alguns dos analistas em formação mais mesquinhos, não é verdade, Liz?

A mulher que estava ao lado de Bryant deu uma risada. Olhando subitamente de relance para ela, Chris percebeu que não era nenhum clone.

— Oh, pois, desculpa. Liz Linshaw, Chris Faulkner. Chris, suponho que já conheces a Liz. Se não conheces é porque não deves ter televisão.

— Menina Linshaw — cumprimentou Chris, estendendo-lhe a mão.

Liz Linshaw deu uma gargalhada e inclinou-se para o beijar em ambas as faces.

— Trata-me por Liz — disse. — Já estou a reconhecer-te. Da tabela de Promoções e Nomeações desta semana. Foste tu quem abateu o Edward Quain na 41, não foste?

— Hum, sim.

— Isso foi antes do meu tempo. Nessa altura era apenas uma principiante de uma estação pirata. Foi uma morte e tanto. Não me parece que nos últimos oito anos tenha havido outra igual.

— Pára com isso, estás a fazer-me sentir velho.

— Vocês os dois não se importam de parar de namoriscar e pegar em alguns copos? — perguntou Bryant. — Tenho uma dúzia de animais sedentos ali atrás, à espera de bebidas. O que queres beber, Chris?

— Hum, um Laphroaig. Sem gelo.

— Que nojo.

Entre os três, levaram os copos todos até às mesas e pousaram-nos. Bryant empurrou e desviou as pessoas, brincando, adulando e arrelhando-as até que conseguiu arranjar espaço para que Chris e Liz se sentassem à sua mesa. Ergueu o seu copo.

— Às pequenas guerras — brindou. — Que possam arder lentamente durante muito tempo.

Coro aprovador em voz alta.

Chris deu por si entalado ao lado de um executivo alto e magro, com óculos de aros de metal e um ar de cientista que analisava tudo ao microscópio. Chris sentiu-se ligeiramente irritado. Óculos que se usam só para dar estilo sempre foram um dos ódios de estimação de Carla. *Foda-se, que mania de imitar a pobreza chique*, rosnava invariavelmente sempre que via os anúncios. *Imperfeição humana falsificada, foda-se. Qualquer dia também vai ser porreiro andar por aí numa filha da puta de uma cadeira de rodas. Até fico ofendida com estas merdas.* Chris sentia-se obrigado a concordar com ela. É claro que se podia ter uma ligação à base de dados para se visualizarem as coisas numa das lentes, mas não era esse o caso. A Carla tinha razão, agora estava na moda imitar as zonas isoladas. E porque diabos um gajo havia de fingir que não tinha dinheiro para fazer uma cirurgia correctiva, se tudo o resto que vestia gritava exactamente o contrário?

— Nick Makin — disse o rosto estreito por detrás das lentes, estendendo um

braço longo à frente do corpo. A força do seu aperto de mão contrariava a figura esguia. — És o Faulkner, não és?

— É isso mesmo.

Mike Bryant inclinou-se por cima da mesa na direcção deles.

— O Nick foi o nosso melhor analista de comissões do ano passado. Previu a reviravolta da Guatemala durante o Verão. Contrariou todos os modelos de conflitos em guerrilhas que tínhamos. Foi um verdadeiro golpe para a Shorn.

— Os meus parabéns — disse Chris.

— Oh. — Makin desvalorizou o facto. — Isso já foi no ano passado. Não se pode viver indefinidamente dessas glórias. Estamos num trimestre novo. Está na altura de carne fresca. De uma nova estratégia. Por falar nisso, Chris, não foste tu quem safou um adversário a uma promoção no ano passado, na Hammett McColl?

Devia ser imaginação, a maneira como toda a mesa parou subitamente para ouvir aquele jovem que mais parecia um tubarão, com a sua dicção imperfeita cuidadosamente encoberta. Devia ser. Os olhos de Chris brilharam na direcção de Bryant. O enorme louro estava a observá-lo.

— Também ouviste falar disso, há?

— Pois — disse Makin com um sorriso. — Parece que sim. É estranho, sabes?

— Bem — disse Chris, sorrindo também de forma constricta, — tu não estavas lá.

— Não. E deixa-me que te diga que a Elysia Bennett teve sorte por eu não estar lá. Ela não anda por aí algures no activo?

— Acho que sim. Sabes, Nick, eu procuro não me preocupar muito com o passado. É como tu dizes, estamos num trimestre novo. O caso da Bennett já foi há dois anos.

— Mesmo assim. — Makin olhou em redor da mesa, aparentemente para angariar algum apoio. — Uma atitude dessas deve ser o suficiente para desafiar muitos adversários. Porra, até eu gostava de te enfrentar, só pela experiência, se soubesse que ias ter um ataque de sentimentalismo como esse no fim do confronto. Se eu perdesse, claro.

Chris percebeu subitamente que Makin estava bêbado, inundado de álcool, agressivo e à espera. Olhou para o seu copo, pousado em cima da mesa.

— Ias perder — respondeu Chris calmamente.

Naquela altura já não era a sua imaginação. O burburinho das conversas esmoreceu definitivamente, à medida que os executivos perdiam o interesse no que estavam a discutir e se tornavam espectadores.

— Palavras fortes — disse Makin, desta vez sem sorrir, — vindas de um homem que nos últimos quatro anos não pôs nenhuma morte no currículo.

Chris encolheu os ombros, mantendo um olho na mão esquerda de Makin, que repousava no tampo da mesa. Avaliou as suas opções. Alcançá-lo e prender-lhe o braço. Partir o dedo mínimo daquela mão e partir daí.

— Na verdade — disse uma voz rouca, — acho que são palavras bastante modestas, vindas do homem que abateu o Edward Quain.

As atenções centraram-se do outro lado da mesa. Liz Linshaw estava sentada com a mão de dedos longos a apoiar a cabeça loura despenteada, afastando-a do encosto da cadeira. A outra mão gesticulava com um cigarro.

— Essa foi a mãe de todas as mortes — continuou. — Pode servir como exemplo. Nunca ninguém pensou que Eddie Quain ia voltar ao activo. Excepto talvez como lubrificante.

Alguém deu uma gargalhada. Uma gargalhada nervosa. Outra pessoa começou a rir de forma mais segura e as gargalhadas espalharam-se pela mesa. Bryant juntou-se a elas. O momento passou. Chris olhou mais uma vez para Makin, com dureza, e depois começou a rir também.

A noite envolveu Chris nas suas asas.



Algum tempo depois, não sabia avaliar quanto ao certo, estava a aliviar-se num urinol de porcelana que tresandava como se não fosse limpo há uma semana. À sua volta, aglomeravam-se paredes de gesso amarelado. Grafitis taciturnos e enterrados nas paredes variavam entre o brutal e o incompreensível.

OS DONOS DE PLAISTOW NA TUA SOPA
OS TEUS FARRAPOS ESTÃO BEM P'RA ELES
VAI-TE FODER MARKEY PUTA
O DINHEIRO PINTA O MUNDO DA COR DA MERDA
A EMMA FEZ-ME UM BROCHE AQUI
FIZESTE-O A TI PRÓPRIO
MERDA DE ZECUTIVO

CHAMEM OS DELEGADOS
QUE SE FODAM AS NAÇÕES UNIDAS
FODE-TE TU TAMBÉM
CARNE DOS RICOS

Nem sempre era claro onde acabava uma mensagem e começava a outra. Ou isso, ou então estava realmente bêbedo.

Ele *estava* realmente bêbedo.

Tinha sido ideia do Bryant, à medida que o pessoal tinha começado a abandonar o hotel; continuar a festa algures nas zonas isoladas.

— Eles podem ser pobres como a merda por aquelas bandas — disse com a voz arrastada ao inclinar-se por cima da mesa, — mas sabem como passar um bom bocado. Conheço meia dúzia de sítios onde se pode comprar todo o tipo de substâncias ao balcão e têm espectáculos de palco que não estás bem a ver.

Liz Linshaw enrugou o seu rosto esculpido.

— Parece ser um programa exclusivo para os rapazes — disse. — Se os cavaleiros me dão licença, vou chamar um táxi.

Beijou Bryant nos lábios, provocando uma onda de exclamações e gritos e foi-se embora, sorrindo de esguelha para Chris. Uma ou duas mulheres aproveitaram e abandonaram também o grupo, e a expedição de Mike esteve em risco de não se concretizar.

— Oh, vamos lá, meu bando de *coninhas* — disse de maneira indistinta. — Estão com medo de quê? Nós temos armas. — Tirou a sua Nemex e agitou-a no ar. — Temos dinheiro, temos esta cidade agarrada pelos tomates. Que puta de vida é esta se nós somos donos das ruas por onde eles andam, dos prédios onde moram e mesmo assim temos medo de lá ir, foda-se? Nós devemos estar ao comando desta sociedade, não a escondermo-nos dela.

Não era um discurso do calibre do de Louise Hewitt, mas Mike ainda conseguiu cativar meia dúzia dos homens mais jovens que estavam em volta da mesa e duas ou três das mulheres mais bebidas. Dez minutos mais tarde, Chris estava no banco do passageiro do BMW de Bryant, a observar as ruas desertas do distrito financeiro a passarem pela janela. No banco de trás estavam um jovem executivo cujo nome Chris não sabia e uma mulher mais velha chamada Julie Pinion — entre ambos desenrolou-se uma conversa agreste sobre técnicas de venda. No espelho lateral, apareciam as luzes dos outros dois carros. A Shorn estava a descer em peso às zonas isoladas.

— Muito bem, vocês os dois tenham lá calma — disse Mike por cima do ombro enquanto faziam a curva. Mais à frente, as luzes de um posto de verificação

das zonas brilhava no céu escuro. — Se acharem que vamos criar problemas, não nos deixam entrar.

Parou o BMW de forma impecavelmente suave junto da barreira e inclinou-se para fora do carro quando o guarda se aproximou. Chris reparou que ele estava a mascar pastilha elástica para disfarçar o cheiro a álcool.

— Vamos apenas até ao *Falkland* — disse Bryant alegremente, mostrando o cartão da Shorn e Associados. — Para ver o último espectáculo.

O guarda andava à roda dos cinquenta anos, com uma barriga volumosa por baixo do uniforme cinzento e derrames no nariz e nas faces. Chris viu a nuvem de vapor que saiu da sua boca ao suspirar.

— Vou ter de verificar o cartão, senhor.

— Claro. — Bryant entregou o cartão e esperou enquanto o guarda o passava pelo dispositivo que levava à cintura e o entregava de volta. O aparelho apitou melodiosamente e o guarda acenou com a cabeça. Parecia cansado.

— Estão armados?

Bryant virou-se novamente para dentro do carro.

— Mostrem-lhe os vossos agentes da paz, pessoal.

Chris fez deslizar a Nemex do coldre que trazia ao ombro e mostrou-a. Atrás de si, ouviu os dois anteriores adversários de discussão a fazer o mesmo. O guarda apontou a lanterna para as janelas e acenou lentamente.

— Só quero ser cuidadoso, senhor — disse para Bryant. — Esta semana houve uma série de despedimentos na Pattons e Greengauge. Há muita gente zangada a beber demais esta noite.

— Bem, nós vamos manter-nos longe do caminho deles — disse Bryant com descontração. — Não queremos problemas. Só queremos ver o espectáculo.

— Sim, está bem. — o guarda virou-se para a cabine de controlo e gesticulou para quem estava lá dentro. A barreira começou a erguer-se. — Também vou ter de verificar os seus amigos. Quer estacionar do outro lado do portão até estar tudo visto?

— Com todo o gosto — respondeu Mike com um sorriso rasgado, conduzindo o BMW através do portão.

O segundo carro passou facilmente, mas o terceiro suscitou alguns problemas. Olharam para trás e viram o guarda a abanar a cabeça enquanto as silhuetas vestidas de fato estavam debruçadas nas janelas da frente e de trás, a gesticular.

— O que raio se passa ali atrás? — resmungou Julie Pinion. — Será que nem conseguem fingir que estão sóbrios durante alguns minutos?

— Fiquem aqui — disse Bryant, saindo do carro e deixando-se envolver pelo ar nocturno.